

Banhistas de mar no século XIX

UM OLHAR SOBRE UMA ÉPOCA

Luís Paula Saldanha Martins

A propósito do muito que desapareceu para dar lugar a coisas novas, Alberto Pimentel, no seu «Porto há trinta anos» afirmava, referindo-se à década de sessenta do século passado: «o tempo dá cabo de tudo». E rematava de séguida: «triunfa o progresso, triunfa a civilização... viva o progresso!»¹. É o desaparecimento tanto dos burros de aluguel, como dos *char à-chancs*, que suscita esta observação, mas se muita coisa deixa de existir ou se transforma, em contrapartida, variadíssimas novidades despontam, algumas das quais sobressaem pelo impacte que causam no corpo social ou económico.

Entre estas, interessa-nos assinalar a vulgarização do gozo de férias, o que tem permitido a um número crescente de habitantes em particular a partir dos anos 50 do século XX, gastar algum do seu tempo de lazer anual numa estadia na praia, por exemplo²«

Desde muito antes, contudo, era frequente a fruição do revigorante estímulo dos banhos de mar com fins terapêuticos. De qualquer forma, é no século XIX que encontramos ás raízes do modo actual de desfrutar a faixa costeira do Norte de Portugal em especial em Espinho, Granja, Foz, Vila do Conde e Póvoa de Varzim, praias onde a vida do banhista se organizava em torno de elementos idênticos

¹ Alberto PIMENTEL — *O Porto há trinta anos*, Porto, Livraria Universal, 1893, p. 245.

² Cabe aqui relembrar que a maioria daqueles que, no século passado, iam a banhos de mar cumpriam uma etapa do calendário social, como o acompanhar das colheitas na «aldeia». O termo férias é, assim, de aplicação mais recente e adquire significado com a instituição de períodos de lazer anuais e com a sua remuneração.

repetindo, segundo as fontes consultadas, alguns padrões de comportamento.

Nessa época, a «estação»¹, termo que surge com um sentido mais amplo do que numa mera perspectiva climatérica, compreendia, fundamentalmente, Agosto e Setembro. São estes os meses eleitos pela maioria dos banhistas de mar como diz Eduardo Sequeira: «...o *carteiro*, na praia do Ourigo, o mais concorrido local de imersão, apesar dos muitos melhoramentos ali feitos, é acanhado, impossível, principalmente em Agosto e Setembro, pela aglomeração de banhistas...»². Já então!

Estava-se no final da década de oitenta, com o gosto pela orla litoral e pelos banhos de mar já firmado, no limiar de uma nova fase de ocupação do litoral, alicerçada, entre outras componentes, no avanço recente dos transportes, que correspondente à vulgarização dos banhos entre um maior número de estratos sócio-económicos.

Se a maioria dos banhistas afluía ao litoral nestes dois meses nem todos o podiam fazer. Alberto Pimentel divide a população balnear da Foz do Douro, no início da década de sessenta, em dois turnos. O primeiro, que aí estancia o mais tardar até ao início de Outubro, é composto por «...gente do Porto, famílias ricas, titulares, empregados públicos, etc». O segundo turno, que chega «...só depois das colheitas, é o da gente de Cima-do-Douro, lavradores ricos, proprietários, pessoas abastadas, sem exclusão da gente menor, os feitores, os caseiros, os remediados e até os pobres»³.

Alguns dos personagens queirosianos evidenciam uma escolha com ligeiras diferenças. Para Amélia a «estação» decorreu desde o início de Setembro até finais de Outubro, altura em que Agostinho parte para se matricular no «...quinto ano de Direito na Universidade»⁴. Podia, por vezes, prolongar-se um pouco mais a estadia, mas os primeiros frios e chuvas obrigavam a retirar.

Em 21 de Novembro de 1862 referia Ramalho Ortigão: «graças a Deus! os últimos banhistas regressam à cidade que suspirava por eles. As meninas vêm nutridas, acrescentadas de boa cor, e

¹ Eça de QUEIRÓS — *O crime do padre Amaro*, Lisboa, Tipografia Castro Irmão, 1876, p. 79. A referência tem um forte sabor britânico.

² Eduardo SEQUEIRA — *Á beira mar*, Porto, Livraria Cruz Coutinho, 1889.

³ Alberto PIMENTEL, 1893, pp. 245-246.

⁴ Eça de QUEIRÓS, 1876, pp. 79-85. Em Alves & C.^a os personagens partem a banhos em Agosto. Eça de QUEIRÓS — *Alves & C.^a*, Porto, Lelio & Irmão, 1925.

notavelmente satisfeitas, o que denota por certo mais saúde, mas produz também muito menos interesse poético do que a melancólica palidez com que nos deixaram»¹. Alguns resistiam até tarde e tentavam prolongar os prazeres do Verão pelo Outono dentro.

As praias das imediações do Porto, em particular a Foz caracterizava-se ainda por um outro tipo de presenças. Eram os banhistas do Porto que saíam «...de madrugada, nos carroções, vinham tomar banho à Foz e regressavam a casa ainda antes do meio dia, repetindo a façanha todas as manhãs, durante um mês!»². Isto ainda, pelos anos sessenta do século passado.

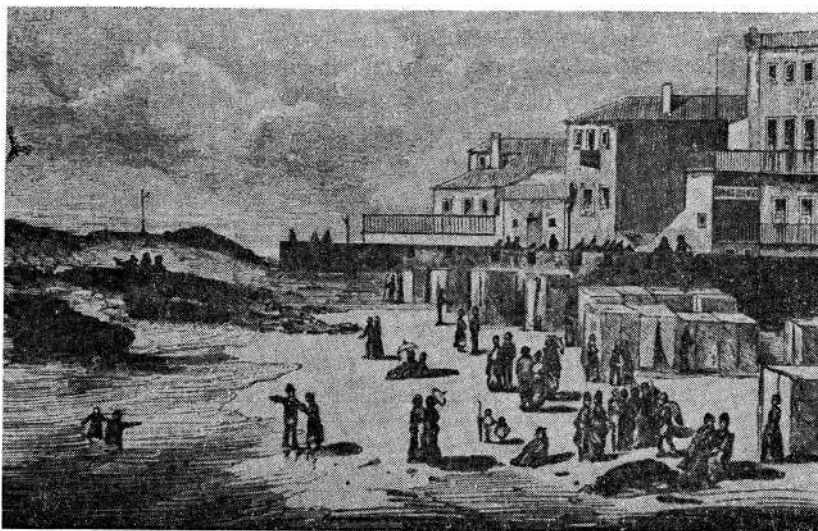


Fig. 1 — Foz do Douro.

Fonte: Ramalho ORTIGÃO — *As praias de Portugal*, Porto, Magalhães e Moniz, 1876.

Alberto Pimentel refere a propósito: «...do Porto iam chegando banhistas e curiosos, que se faziam conduzir em carroção, em jumentos ou nos *char-à-bancs* da carreira: *char-à-bancs* que partiam do largo

¹ Ramalho ORTIGÃO — *Crónicas Portuenses*, Lisboa, Livraria Clássica 1944, p. 165.

² A. de Magalhães BASTO — *A Foz há 70 anos*, Porto, Ed. do Colégio Brotero, 1939, p. 20.

do Carmo, a seis vinténs¹ por pessoa, ou da Porta Nova, a quatro vinténs»².

«O carroção era ronçeiro de mais para uma jornada, que tinha de fazer-se, ida e volta, na mesma manhã. Por isso algumas famílias lhe preferiam a burricada. Mas fora o carroção que durante largos anos estabelecera um preguiçoso traço de união entre o Porto e a Foz»³.

O aparecimento dos *char-à-bancs* fez desaparecer o «omnibus», sucessor do carroção, e desencadeou um notável aumento dos banhistas, de tal modo que a «...vida nesta praia entrou na sua fase moderna»⁴, encerrando um ciclo que teria o seu início com a construção de algumas casas por elementos da colónia inglesa nos primeiros anos do século XIX e teria sido continuado, segundo Pinho Leal, apenas depois da Guerra Civil, em especial na década de quarenta, com a construção de muitas mais casas, quer por ingleses quer por nacionais⁵. No hiato verificado, o portuense da classe alta manteve uma estreita ligação com a Foz e era aí que, já nos anos vinte do século passado os habitantes do Porto, durante as épocas de calor, iam tomar banhos de mar. A Foz, bem como Matosinhos, eram estadias habituais das pessoas abastadas do Porto durante o Verão e o Outono⁶. E não seriam apenas as do Porto se atentarmos na inserção temporal e espacial de «Cenas da Foz»: «...em 1825, morava na travessa do Caramujo, em S. João da Foz, uma família de Amarante, que viera a banhos...»⁷.

A Foz teria nesta altura pouco mais de 3300 habitantes⁸ e 3777 em 1878⁹, um aumento insignificante em sessenta anos (14%),

¹ Um frango custava em 1862 de 80 a 120 rs. e o litro de vinho no final desta década estaria entre os mesmos valores. J. A. Pinto FERREIRA — *Preços de géneros alimentícios comerciados nos mercados do Porto no séc. XIX (1844-1899)*, Porto, C.M.P.-G.H.C, 1972.

² Alberto PIMENTEL, 1893, p. 241,

»' Alberto PIMENTEL, 1893, p. 241.

⁴ Ramalho ORTIGÃO — *As praias de Portugal*, Porto, Livraria Universal, 1876, p. 30.

⁵ Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho LEAL — *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1873.

⁶ Adrien BALBI — *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve*, Paris, Rey et Gravier, 2 Tomos, 1822.

⁷ Camilo Castelo BRANCO — *Cenas da Foz*, Viana, Tipografia da Aurora do Lima, 1857, p. 7.

⁸ Adrien BALBI, 1822.

⁹ Apenas a freguesia de Foz do Douro. Nevogilde, ainda integrada no concelho de Matosinhos, tinha na mesma data 301 habitantes, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA — *X Recenseamento Geral da População*, Tomo I, Volume 1.º, Lisboa, 1960.

o que não constitui testemunho do aumento da importância da orla marítima portuense no mesmo período. Em 1890, a população atinge os 5090 habitantes (um aumento de 35% em 12 anos). O crescimento das estruturas de apoio coaduna-se melhor com a evolução da Foz: na década de quarenta, quando Ramalho Ortigão «...ia de chapéu de palha e de bibe, à tarde, apanhar conchinhas na costa...» \ havia duas hospedarias (a do Julião e a do Silvestre), o café da Senhora da Luz e a Assembleia do Mallen, enquanto, no início da década de oitenta, existiam já sete hotéis, dois restaurantes, cinco cafés, três teatros e trinta e cinco banheiros².

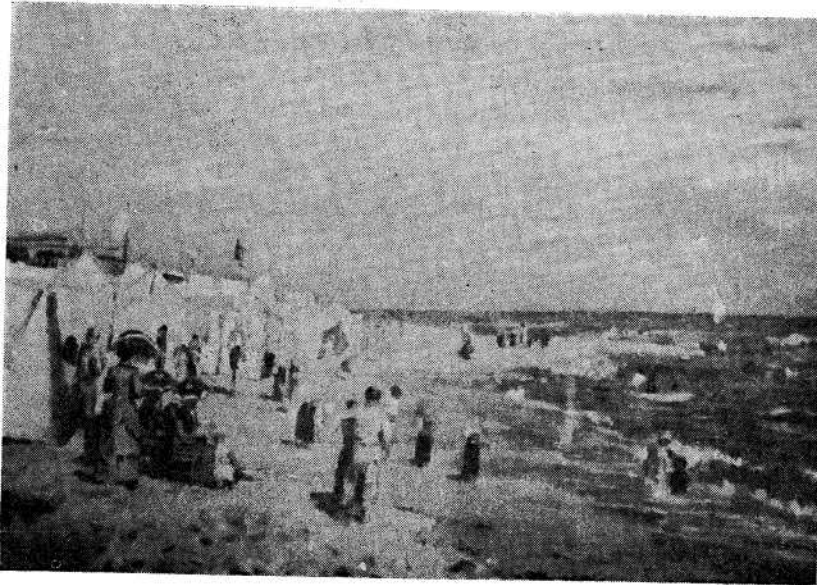


Fig. 2 — Praia da Póvoa de Varzim.

Fonte: Paulo PINA — *Portugal, o Turismo no século XX*, Lisboa, Lucidus, 1988.

Na Póvoa de Varzim, era a grande turba. Nenhuma praia oferecia uma afluência tão diversificada³: o pequeno lavrador; os morgados rurais; «todos os juizes, todos os delegados, todos os presidentes

¹ Ramalho ORTIGÃO, 1876, p. 23.
A. n. A. G. - V. S. da P. A. V. A. — *Almanak do Porto e seu Dtetricto*, Porto, A. G. Vieira³ Paiva — Editor, 1881.
³ Ramalho ORTIGÃO, 1876, pp. 49-50.

de câmaras das comarcas e das municipalidades circunvizinhas»; «o *sport* de Braga»; «o *high-life* de Guimarães, de Fafe, dos Arcos, de Santo Tirso, de Vila Nova de Famalicão, de Barcelos; os jogadores de toda a província e de outros pontos» do país. Mas para aí se dirigiam também os «*tourístes*» em viagem pelo Minho e alguns residentes no Porto, ao domingo.

O «Mappa estatístico da população e seu movimento e das profissões, comércio e indústrias, artes ou officios, unicamente da Villa da Póvoa de Varzim organizado em 1867», indica como de 20000 o «Numero de pessoas que das províncias do Minho e Trás os Montes affluem annualmente a esta villa para uso de banhos do mar», numa altura em que a localidade tem 10577 habitantes (um aumento populacional de 86% em cerca de meio século). Segundo o mesmo mapa estatístico existiam cinco estalagens e hospedarias, cinco botequins (três dos quais com bilhares e dois deles muito luxuosos, ao nível dos melhores do País) e sete diligências diárias com destino ao Porto, às quais se devem adicionar «...outras mais para Barcelos, Braga, Guimarães, Fafe, Lameira, Cerdeira e Porto», durante a estação de banhos.

Espinho é entre «...todas as praias a mais estimada por aqueles que a frequentam. Os banhistas de Espinho tomam-se todos por este sítio de uma espécie de exaltação patriótica, exclusiva e intransigente» \ Aqui, tal como na Póvoa de Varzim, a diversidade de origens é grande: espanhóis de Salamanca, beirões, lisboetas e portuenses. São lavradores, burgueses, funcionários da administração, nobres e juizes, «a piscina consagrada da magistratura»².

Por meados da década de sessenta, Espinho não passava de algumas choças de pescadores³, embora já em 1843 José de Sá Couto, industrial de papel da freguesia de Oleiros, tivesse construído «...uma bela morada de casas de pedra e cal de um andar»⁴. Outras construções se seguiram «...sem ordem ou regularidade no seu alinhamento, até que a Câmara da Feira providenciou, marcando os arruamentos regulares»⁵. Do povoado, abrigo de pescadores, nasceu uma localidade com 500 a 600 habitantes e cerca de 3000 no tempo dos banhos, no final dos anos setenta. Tem três hotéis, alguns cafés

* Ramalho ORTIGÃO, 1876, p. 89.

² Ramalho ORTIGÃO — *As farpas I*, Lisboa, Clássica Editora, 1986, p. 245.

³ Agostinho Rodrigues de ANDRADE — *Diccionario Choro gráfico do Reino de Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1878.

⁴ LEAL, 1873.

⁵ LEAL, 1873.

com bilhares e restaurante, e o clube, «...ponto de reunião de todos os banhistas de ambos os sexos» ¹.



Fig. 3—O momento do banho na Granja, em 1887, sob o olhar dos banheiros: «Zé Carapuço, o Runo e o Velho Granja». (Fotografia de José Maurício Rebelo).

Fonte: António Paes de Sande e CASTRO — *A Granja de todos os tempos*, Gaia, C.M.G., 1973.

A Granja era a praia da aristocracia, depois de Cascais «a mais aristocrática das praias do litoral português» ², a única a ficar deserta durante o ano, o que sublinha o significado da «estação» dos banhos e põe em destaque uma das características que melhor distingue esta

¹ Ramalho ORTIGÃO, 1876, p. 90.

² Ramalho ORTIGÃO, 1986, p. 254.

«povoação diamante»: os habitantes são ao mesmo tempo banhistas, cerca de 300 pessoas, e «...em grande parte proprietários das casas...»¹.

Pela mão de Frutuoso Ayres, no início da década de sessenta, nasce a Granja². Uma correnteza de casas, para a família do abastado comerciante do Porto, e alguns lotes vendidos criteriosamente, constituíram o modo de dar vida a esta apreciada estância balnear.

Vila do Conde, por seu lado, era uma das praias menos frequentadas e tinha igualmente uma feição aristocrática, oferecendo um reparador descanso³, que Antero de Quental retrata: «aqui as praias são amplas e belas, e por elas passeio ou me estendo ao sol...»⁴. De qualquer forma, havia quem confiasse no futuro balnear da vila e pelos anos oitenta já existia uma avenida até à praia, bem como «dois renques de casas em filas paralelas»⁵ edificadas com fins lucrativos, mas a empresa proprietária, anos volvidos sobre a sua edificação, ainda não tinha conseguido reembolsar as despesas, o que é testemunho da fraca concorrência de banhistas.

Leça passou a ser, na década de setenta, a praia preferida da colónia inglesa. O avanço nos transportes e o conseqüente aumento de banhistas na Foz do Douro levou à numerosa colónia britânica a preferir a «sua» praia—a praia dos Ingleses—e demandar Leça em busca do sossego perdido.

Realçe-se antes de mais nesta caracterização das principais praias do litoral Norte, a independência de muitas das famílias que as frequentavam face ao trabalho/emprego, o que era dominante entre as mais abastadas. O facto de muitas delas poderem prolongar a estadia na praia até três meses, é disso prova evidente. Todavia, alguns dos elementos activos a gozarem a estação dos banhos deslocavam-se diariamente para os locais de trabalho/emprego, facto sobretudo significativo entre a Foz do Douro e o Porto>, após a inauguração do «americano».

¹ Ramalho ORTIGÃO, 1876, pp. 64-65.

² A quinta a partir da qual se desenvolve a Granja, foi adquirida por Frutuoso Ayres em Dezembro de 1860, António Paes de Sande e CASTRO — *A Granja de todas os tempos*, Gaia, C.M.G., 1973, p. 70; Pinho Leal afirma que a estância balnear principiou em 1854, LEAL, 1873, p. 318; esta data é igualmente referida em Alberto PIMENTEL — *Guia do Viajante nos Caminhos de Ferro*, Porto, Ernesto Chardron — Editor, 1876.

³ D. António da COSTA — *No Minho*, Porto, António Figueirinhas, 1900, p. 265.

⁴ Antero de QUENTAL — *Cartas de Vila do Conde*, Org. Ana M. de A. Martins, Porto, Lello & Irmão, 1981, p. 43.

⁵ LEAL, 1873.

⁶ Ramalho ORTIGÃO, 1986, p. 260.

Praias como a Foz do Douro e Póvoa de Varzim, próximas de um grande aglomerado populacional como o Porto, apresentavam uma diversidade maior do leque social, por razões compreensíveis. A ausência de gastos com alojamento, nomeadamente, já que havia a possibilidade de deslocação diária do banhista à praia e regresso a casa, era um factor capaz de contribuir para a presença de classes pobres, ao ponto de Eduardo Sequeira defender a existência de praias para ricos e pobres. Mas, sobretudo, a importância ainda grande entre alguns grupos, do efeito terapêutico dos banhos de mar, justifica a existência nestas duas praias, de alojamentos a preços baixos, de fraca qualidade. De qualquer forma, a grande maioria dos banhistas parece atribuir à deslocação já um marcado cunho de lazer.

PREÇO DOS ALOJAMENTOS (rs.)

	Hotéis		Residências	
	Mínimo	Máximo	Mínimo	Máximo
Espinho		1500	200	5000
Granja		1200		
Foz do Douro		1200		
Póvoa de Varzim	1000	1500	200	2000
Leça	1000	1500		

Fonte: Ramalho ORTIGÃO — As praias de Portugal, Porto, 1876.

Um outro aspecto adquire particular relevo na Foz do Douro ainda durante o século XIX. Aí, a criação de duas linhas de «tramway» — o americano — durante a década de 70, aproximou decisivamente a cidade do Porto da faixa litoral e a distância pôde então passar a ser vencida em cerca de trinta minutos.

Com o novo meio de transporte o antigo aglomerado piscatório foi crescendo, em grande medida ligada à cidade próxima. E se tinha constituído uma ousadia, mesmo uma «heroicidade do pai do sr. Manuel Pestana»¹, transferir a residência habitual do Porto para a Foz, são agora numerosas as famílias que aí fixam residência, atenuando o carácter sazonal da localidade e tornando-a pouco a pouco num subúrbio portuense. Para José Augusto Vieira, a Foz era em 1887,

¹ Alberto PIMENTEL, 1893, p. 240.

«graças às duas companhias, um verdadeiro bairro do Porto» \ Já no século XX, acabou por ser englobada no tecido urbano da cidade ², apesar de a freguesia integrar o concelho do Porto desde 1836.

A Foz perdeu assim, ainda durante o século XIX, parte das características primitivas de local de banhos, facto que sobreveio bastante mais tarde, apenas no século actual, para outras localidades como a Póvoa de Varzim ou Espinho, com diferente significado.

Os dias iam decorrendo nos meses da «estação» para estes banhistas, animados para alguns, pachorrentos e tediosos para outros, mas quer calmos quer preenchidos, representavam muitas vezes, o anseio de todo um ano, pelo que era forçoso vivê-los o mais intensamente possível.

Esses dias eram compartimentados fundamentalmente em três períodos, excluídos aqueles que resultam das obrigações inerentes à organização da vida familiar: o do banho, o do passeio e o dos contactos sociais. Tal como hoje, os comportamentos e as motivações eram as mais díspares e, apesar da maior rigidez das conveniências ou inconveniências sociais, o leque de opções para utilização do tempo ao longo do dia era muito vasto.

Espacialmente, seriam quatro os elementos com mais significado na organização do dia-a-dia: a casa, a praia, o passeio público e a assembleia / o café / o clube.

Em Vieira, pela pena de Eça de Queirós, durante a estação dos banhos repousava-se. Comer e beber, tomar banhos, seria a cura para muitos males, a par dos «bons ares saudáveis» ³. Na Foz «almoçar, jantar, enxugar os cabelos, é a ocupação ordinária dos banhistas nesta praia, desde as oito horas da manhã até ao fim da tarde» ⁴. Em numerosas outras praias o dia não seria passado de modo muito diverso.

Tentemos reconstituir agora, com mais abundância de pormenores, o que acontecia ao longo do dia nas praias do Norte de Portugal. Logo pela manhã, punha-se a pé o banhista. Era cedo. Clareava a aurora. Em cortejo lá ia a família até à praia. Era o banho. Fazia falta uma barraca ⁵ para proceder a muda de roupa, «envergando por

¹ José Augusto VIEIRA — *O Minho pitoresco*, Lisboa, Livraria António Maria Pereira, II vol., 1887. As companhias de americano eram: a companhia carril Americano do Porto à Foz e Matosinhos e a Companhia Carris de Ferro do Porto.

² Vd. José Alberto Rio FERNANDES — *A Foz, entre o rio, o mar e a cidade*, Porto, Progresso da Foz, 1989.

* Eça de QUEIRÓS, 1876, p. 79.

⁴ Ramalho ORTIGÃO, 1876, p. 31.

⁵ As barracas, normalmente de lona branca—em Espinho eram de madeira pintada—, dispunham-se paralelamente ao litoral, à excepção da Foz do Douro onde eram perpendiculares e da Póvoa de Varzim onde formavam grupos isolados uns dos outros que se abriam sobre o mar. A disposição da Foz parece estar ligada à exiguidade do Caneiro, solução que se estende às demais praias à medida

via de regra, fatos de baeta azul ou preta: vestido de cauda para as senhoras; camisola e calças para os homens»¹. Depois, para a água.

Nos braços de experimentados banheiros, o banhista era mergulhado nas frias águas atlânticas uma, duas, três vezes, para os mais corajosos ou para aqueles cujos pais os queriam ver rijos. Outros por receio ou comodidade preferiam a «gamela» que lhes era despejada pela cabeça ou onde mergulhavam os pés. Havia ainda o banho de «choque»: os banhistas eram transportados em cadeirinha por dois banheiros que de forma concertada, quando as «vítimas» menos o esperavam, os mergulhavam e devolviam ao areal com prontidão. Depois era o almoço: café com leite e pão com manteiga fresca².

A maioria dos banhistas tomava banho entre as 8 e as 10 horas, período prolongado pelos mais retardatários até às 11 horas da manhã. Já haviam sido, no entanto, antecidos pelos aldeões, os de Cima-do-Douro, do Minho, de Viseu,... Pelas 5 ou 6 horas da manhã, quando desapareciam as últimas estrelas, com fatos leves — os homens vestiam ceroulas enquanto as mulheres vestiam camisa —, em locais recônditos da praia, hei-los a tomar banho³.

Assim era passada uma parte importante do dia. O espectáculo do banho está completo. Era mais um na contagem individual desse ano, mais um elemento de conversa para as noites frias de Inverno.

Depois era apanhar sol. Descansava-se sobre mantas estendidas na areia, ou em cadeirinhas baixas, assistia-se à sucessão de banhistas nos braços dos banheiros enquanto houvesse candidatos. Estava reunida toda a família, os avós, os pais, os filhos, os tios, os primos, por perto os pretendentes à mão da pequena, «e o que é certo é que muitos casamentos vieram tramados»⁴ da praia. Uns conversavam, outros ouviam tocar o cego e decorria a manhã até ao regresso a casa para o jantar.

As opções, ou obrigações, para a tarde eram mais variadas. Cumprir algumas tarefas do lar poderia ser uma das possibilidades, para a mulher. Também se dormia a sesta.

Outros passatempos havia, capazes de cativar os banhistas na utilização do tempo livre.

que a afluência de banhistas aumenta, constituindo igualmente uma protecção contra as incómodas nortadas.

¹ Alberto PIMENTEL, 1893, p. 248.

² Ramalho ORTIGÃO, 1876, p. 24.

³ Sobre os mesmos areais do litoral do Minho, os mais madrugadores ou os mais retardatários podem assistir, ainda hoje, a cenas idênticas. Falta o banheiro, nem sempre as saias cobrem os tornozelos, surgem até fatos ousados, mas o ambiente deverá ter algumas semelhanças com o desses longínquos dias do século XIX.

⁴ Alberto PIMENTEL, 1893, p. 248.

Passear era uma das ocupações mais comuns: ora no passeio público, no Passeio Alegre na Foz do Douro, no Paredão na Póvoa de Varzim, no «Chiado» em Espinho; ora ao longo do areal a apanhar conchas, a ver a recolha das redes, a ver o pôr-do-Sol, pelos rochedos. Ocorriam também passeios mais longos, que requeriam uma disponibilidade de meios superior, com o recurso a burros ou a outro meio de transporte, de Espinho até à Granja ou até «Ovar, à Graciosa, à Borralha, à ria de Aveiro»¹, da Foz até Leça, da Póvoa até à elevação de S. Félix de Laundos ou a Vila do Conde por «tramway», entre outros possíveis. As corridas de cavalos que, esporadicamente, tinham lugar no hipódromo de Matosinhos, constituíam igualmente motivo de interesse para os banhistas da Foz e mesmo da Granja.

Um piquenique, num pinhal não muito afastado, uma tarde de pesca, a caça à rola, constituíam também momentos apreciados pelos banhistas.

Mas a tarde tinha ainda mais motivos de interesse. Seriam as reuniões na assembleia, no clube ou nos cafés, para conversar, para ouvir declamar, cantar ou tocar piano, para jogar bilhar, às cartas — quino, voltarete, monte—, mas sobretudo para jogar na roleta, a grande febre da época dos banhos. Havia a roleta rica, a roleta pelintra, mas parece indesmentível que, pela aderência ou pela condena, não deixaria nenhum banhista indiferente. Nas traseiras dos cafés da Póvoa de Varzim, em salas discretas dos clubes ou assembleias da Foz do Douro, da Granja, de Espinho —onde se chegava através de «entradas misteriosas já que o jogo era proibido —, faziam-se «estragos irremediáveis na honra e na fortuna das famílias»².

A cultura física tinha também lugar. Em Leça, com a colónia britânica, ou na Granja com a aristocracia, o *craquet*, o jogo da bola, o *lawn-tennis*, o *foot-ball*, são alguns dos desportos praticados.

Depois da ceia e para culminar estes dias tão agitados, tão intensamente vividos, eram as *soirées* musicais, poéticas ou dançantes, ou o jogo que algures, em salas repletas de fumo, estaria mais animado do que nunca.

Toda esta actividade, permite inferir das mudanças que se fizeram sentir num curto período de tempo, entre meados do século passado e finais do terceiro quartel, contrariando a imagem de tédio que caracterizaria a década de cinquenta à baira-mar.

Em síntese, decorriam assim os dias há pouco mais de um século atrás, numa fase em que os banhos de mar haviam deixado de ter

¹ Ramalho ORTIGÃO, 1876, p. 92.

² Ramalho ORTIGÃO, 1876, p. 53.

finalidade apenas terapêutica. O litoral atraía e reunia um amplo leque sócio-económico, com origens variadas, que cumpria a «estação» dos banhos ao longo do litoral do Noroeste português, em especial nas praias de Espinho, Granja, Foz do Douro, Vila do Conde e Póvoa de Varzim. Para além destas, por finais do século passado despon-tavam também, entre outras com menor significado, Caminha, Âncora, Viana do Castelo e Apúlia.

Parece possível concluir, em termos gerais, que a década de 60 do século passado, corresponde ao firmar do interesse pela estação dos banhos no Noroeste de Portugal. O aumento dos banhistas poderá ser relacionável, em grande medida, com a melhoria das estradas que caracterizou este período. O aparecimento do comboio — a Linha do Norte atinge Vila Nova de Gaia em 1864, enquanto as Linhas do Minho e da Póvoa entram em funcionamento em 1875 — desempenha igualmente, um papel significativo. De qualquer forma, parece evidente que a vulgarização dos banhos em algumas das praias do Noroeste, o que é nítido na Foz e na Póvoa de Varzim, precede o comboio, embora se acentue, no caso da Foz, com a criação da primeira linha de americano a partir do Infante.

Finalmente na perspectiva temporal, a «estação» prolonga-se entre nós, pelos meses de Agosto a Novembro, constituindo uma extensão dos hábitos urbanos em moda na época, o que contribuiu para o sucesso da praia.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Agostinho Rodrigues de — *Diccionario Chorográfico do Reino de Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1878. BABI, Adrien — *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve*, Paris, Rey et Gravier, 2.º Tomo, 1822. BASTO, A. de Magalhães — *A Foz há 70 anos*, Porto, Ed. do Colégio Brotero, 1939.
- *Alberto Pimentel e a Foz*, «O Tripeiro», Porto, n.º 6, V Série, Ano XI, Outubro 1955.
- CASTELO BRANCO, Camilo -- *Cenas da Foz*, Viana, Tipografia da Aurora do Lima, 1857.
- CASTRO, António Paes de Sande e — *A Grania de todos os tempos*. Gaia, C.M.G., 1973. CAVACO, Carminda— *Geografia e turismo: exemplos, problemas e reflexões*, «Finisterra», Lisboa, Vol. V, n.º 10, C.E.G., 1970, pp. 247-282.
- *A Costa do Estoril*, Lisboa, C.E.G., 1981, 2 vol.
- *O Turismo em Portugal, aspectos evolutivos e espaciais*, «Estudos Italianos em Portugal», Lisboa, n.ºs 40-41-42, 1980.
- COSTA, D. António da — *No Minho*, Porto, António Figueirinhas, 1900.
- CUNHA, D. Rodrigo da — *Catalogo dos Bispos do Porto*, Porto, Oficina Prototypa Episcopal, 1742. FERNANDES, José Alberto Rio — *A Foz, entre o rio, o mar e a cidade*, Porto, Progresso da Foz, 1989. FERREIRA, J. A. Pinto — *Preços de géneros alimentícios comerciados nos mercados do Porto no séc. XIX (1844-1899)*, Porto, C.M.P.-G.H.C, 1972.
- LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho—*Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Livraria e Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1873. ORTIGÃO, Ramalho—^s1 *farpas I*, Lisboa, Clássica Editora, 1986.
- *As praias de Portugal*, Porto, Livraria Universal, 1876.
- *Crónicas portuenses (1859-1866)*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1944.
- PIMENTEL, Alberto — *Guia do Viajante nos Caminhos de Ferro*, Porto, Ernerto Chardon-Editor, 1876.
- *O Porto há trinta anos*. Porto, Livraria Universal, 1893.
- *O Porto na berlinda*, Porto, Livraria Internacional, 1894.
- PINA, Paulo — *Portugal, o Turismo no século XX*, Lisboa, Lucidus, 1988.
- QUEIRÓS, Eça de — *Alves & C.ª*, Porto, Lello & Irmão, 1925.
- *O crime do padre Amaro*, Lisboa, Tipografia Castro Irmão, 1876.
- QUENTAL, Antero de — *Cartas de Vila do Conde*, Org. de Ana M. de Almeida Martins, Porto, Lello & Irmão, 1981.
- SEQUEIRA, Eduardo — *À beira mar*, Porto, Livraria Cruz Coutinho, 1889.
- VIEIRA, José Augusto — *O Minho pitoresco*, Lisboa, Livraria António Maria Pereira, II vol., 1887.

RÉSUMÉ

Les bains de mer dans la Nord-Ouest du Portugal au XIX^e siècle

Avec quelques informations contenues dans des travaux de la période romantique, on essaie de reconstituer les aspects de l'occupation de la côte du Nord-Ouest du Portugal.

A partir de la deuxième moitié du XIX^e siècle, elle a été habitée, entre Août et Octobre, par les baigneurs, ce qui a ensuite accéléré son développement entre les années 50 et 80. Ce développement est justifié par la proximité de la ville de Porto. C'est là l'un des aspects fondamentaux qui explique la mode vigoureuse des plages du Nord-Ouest.

ABSTRACT

Sea bathers in the North of Portugal in the 19th century

With some information from the romantic period, the A. tries reconstruct a few aspects of the occupation of the North-western coastline of Portugal.

Since the middle of the nineteenth century the area is inhabited, principally between the months of August and October, by bathers who (between 1850 and 1880) accelerated its rapid development. That development is justified by the nearness of Porto; this is one of the most important aspects which explains the splendour of the beaches in this period.